

Imprensa e olimpismo: A primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos

Press and Olympism:
The Portuguese first participation in the Olympic Games

Francisco Pinheiro

CEIS20-Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
Doutor em História, Universidade de Évora
franciscopinheiro72@gmail.com

Carlos Nolasco

CES-Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
Doutor em Sociologia, Universidade de Coimbra

RESUMO: Este artigo pretende contribuir para uma reflexão sobre a forma como os *media* (através da imprensa escrita) e o olimpismo se têm relacionado na contemporaneidade, centrando-se na primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos, em Estocolmo-1912. Faz uma análise histórica à estreia olímpica de Portugal, no contexto político do pós-Revolução de 1910, através da imprensa (escrita), retratando o papel do jornalismo desportivo, do movimento olímpico e da ideia de desportista e herói nacional no início do século XX português. Um retrato do Portugal contemporâneo, nos primeiros anos da I República, a partir de um dos episódios mais marcantes da história do desporto português.

PALAVRAS-CHAVE: Olimpismo; Imprensa; República; Desportista; Herói.

ABSTRACT: This article aims to contribute to a reflection on how the media (through the newspapers) and olympism have been related in contemporary times, focusing on Portugal's first participation in the Olympic Games, in Stockholm-1912. It makes a historical analysis of Portugal's Olympic debut, in the political context of the post-Revolution of 1910, through the press, portraying the role of sports journalism, the Olympic movement and the idea of the sportsman and national hero at the beginning of the Portuguese 20th century. It's a portrait of contemporary Portugal in the early years of the First Republic, based on one of the most remarkable episodes in the history of Portuguese sport.

KEYWORDS: Olympism; Press; Republic; Sportsman; Hero.

INTRODUÇÃO

Apesar dos Jogos Olímpicos modernos terem começado no final do século XIX (em Atenas-1896), somente nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI ganharam o estatuto de “espetáculo mediático”¹ ou de “megaevento”.² Mas desde o seu início que as Olimpíadas atraíram a cobertura dos *media*, começando pelos jornais e alargando-se posteriormente à rádio, televisão e internet, passando a ser interpretado através da teoria dos *media events*.³ No contexto português, desde a edição inaugural de 1896 que os *media* passaram a noticiar os Jogos Olímpicos, numa dinâmica informativa iniciada com os jornais, seguindo uma sequência noticiosa de três momentos: os antecedentes da prova; as incidências da competição; e os pós-Jogos e legado(s). Aliando-se igualmente a exploração informativa dos denominados “super temas”,⁴ além das tradicionais temáticas relacionadas com o programa olímpico, as competições ou os resultados, por exemplo.

Neste artigo pretendemos analisar a relação entre os *media* e o olimpismo, a partir da primeira participação olímpica portuguesa, em Estocolmo-1912, e a forma como a imprensa escrita retratou esse momento marcante da história do desporto português e do Portugal contemporâneo. Vários estudos analisaram a estreia olímpica portuguesa por altura do seu centenário, em 2012, como sucedeu com as obras “*Ou ganho ou morro!*” – Francisco Lázaro: a lenda olímpica, de Alexandre Mestre; *Os 6 de Estocolmo*, de Rita Nunes e Francisco Pinheiro; ou *Francisco Lázaro: o homem da maratona*, de Gustavo Pires. Anos antes, em 1988, Romeu Correia tinha analisado o mesmo tema em *Portugueses na V Olimpíada*. Nestas obras, uma das principais fontes de informação e análise acabou por ser a imprensa de 1912, nomeadamente as colunas desportivas dos jornais *O Século*, *Diário de Notícias*, *A Capital*, *O Mundo*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*. E ao nível da imprensa desportiva, que viveu entre 1911 e 1913 um período de “esperança e diversificação”,⁵ realçavam-se o

¹ LENSKEYI. *Alternative media versus the Olympic industry*, p. 205.

² MÜLLER. *What makes an event a mega-event? Definitions and sizes*, p. 628.

³ DAYAN; KATZ. *Media events: The live broadcasting of history*.

⁴ Wenner (2006) define um conjunto de “super temas” que os medias podem abordar a partir de um megaevento desportivo, como são “sexo e género”, “raça e etnicidade”, “novo e velho”, “celebridade e herói”, “massificação e fragmentação”, “nacional e global”, entre outros.

⁵ PINHEIRO. *História da imprensa desportiva em Portugal*.

jornal lisboeta *Os Sports Ilustrados* e a revista *Tiro e Sport*. Seria precisamente *Os Sports Ilustrados* a dar o “maior destaque noticioso a este momento histórico do desporto português, que pela primeira vez tinha representantes na mais importante prova desportiva mundial”.⁶ Este episódio marcante do olimpismo português (a sua estreia) e a análise da imprensa, ao nível de conteúdo e discurso,⁷ são as bases deste artigo, que pretende contribuir para uma reflexão ampla sobre a forma como os *media* e o olimpismo se têm relacionado na contemporaneidade.

CONTEXTO HISTÓRICO

Portugal esteve ausente das quatro primeiras olimpíadas (Atenas-1896, Paris-1900, Saint Louis-1904 e Londres-1908), apesar de ser uma ambição antiga do meio desportivo nacional e dos próprios jornalistas desportivos. Mas isso não significava que os melhores atletas portugueses fossem pouco competitivos ou que não existissem clubes desportivos organizados em Portugal. Ao longo da segunda metade do século XIX, vários clubes conseguiram dinamizar atividades desportivas de índole olímpica, como os casos do remo (modalidade olímpica desde 1900) e natação (uma das nove modalidades pioneiras em 1896, juntamente com o atletismo, esgrima, halterofilia, luta, tiro, ciclismo, ginástica e ténis), praticadas em diversas agremiações, como a Associação Naval de Lisboa (Lisboa, 1856), Clube Fluvial Portuense (Porto, 1876) ou Associação Naval 1º de Maio (Figueira da Foz, 1893).

No caso da ginástica, popularizou-se pela ação do Real Ginásio Clube Português (Lisboa, 1875), sendo também praticada noutras regiões, como sucedia na Figueira da Foz, através do Ginásio Clube Figueirense (criado em 1893). O ténis ganhou alento com a criação, em 1902, do Clube Internacional de Futebol (CIF), em Lisboa. Mas tal como o nome da coletividade indicava, o CIF tinha como principal objetivo promover o *football* (modalidade olímpica a partir de 1900), tornando-se, na primeira década do século XX, um dos principais clubes lisboetas de futebol, a par do Carcavellos Club (formado por trabalhadores ingleses do Cabo Submarino, em Cascais), Sport Lisboa e Benfica (1904) e Sporting Clube de Portugal (1906).

⁶ PINHEIRO. *História da imprensa desportiva em Portugal*, p. 90.

⁷ Cf. LAGO; BENETTI. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*.

Esta dinâmica dos clubes teve os seus reflexos do ponto de vista competitivo. Vários atletas portugueses conseguiram ganhar dimensão internacional, quebrando mesmo recordes mundiais, apesar do amadorismo e da ausência de contatos internacionais que permitissem melhorar as suas performances e conhecimentos técnicos. O ciclista José Bento Pessoa foi coroado campeão de Espanha de fundo em 12 de abril de 1897, batendo nesse ano o recorde mundial de velocidade. E conseguiu a proeza de vencer cerca de 70 corridas de velocidade, superiorizando-se a todos os rivais. Notável, no início do século XX, foram também as exibições de força de Manuel da Silveira, que em 1903 (aos 36 anos) começou a praticar exercício físico, no Real Ginásio Clube Português, para enfrentar um problema de reumatismo. Em apenas dois anos, Silveira tornou-se campeão nacional de levantamento do peso (categoria de pesados), batendo todos os recordes nacionais. E numa exibição em Paris, em abril de 1909, estabeleceu três recordes do mundo. O levantamento de pesos contou com um outro recordista mundial nesta altura, o atleta algarvio Francisco Padinha. Ao serviço do Real Ginásio Clube Português, Padinha foi várias vezes campeão nacional, notabilizando-se também na luta de tração à corda. Foi um dos membros preponderantes da famosa equipa de tração à corda do Sporting Clube de Portugal, imbatível entre 1911 e 1913, dissolvendo-se sem nunca ter sofrido uma derrota. Imparável foi também a carreira de César de Melo que na primeira década do século XX dominou a luta greco-romana em Portugal (modalidade olímpica desde 1896), na categoria de médios. No campeonato da Europa de luta, em 1910, realizado em Budapeste, foi a grande figura, superiorizando-se a todos os adversários.

Estas figuras do desporto português, no início do século XX, podiam facilmente ter integrado uma comitiva olímpica, uma vez que apresentavam capacidades físicas e técnicas invejáveis, capazes de representar Portugal ao mais alto nível. O advento da República, em 1910, teve o condão de potenciar a necessidade de representatividade internacional do País. A opinião pública, em grande parte alimentada pela imprensa, começou a considerar as vitórias desportivas não só como vitórias nacionais, mas também afirmações de sucesso de um determinado país, raça ou continente. No início do século XX, as vitórias desportivas eram muito mais do que meras conquistas atléticas, individuais ou coletivas dentro do campo de jogo. Eram uma forma de construção de identidade

nacional, projeção política e coesão social.⁸ As Olimpíadas de Estocolmo, em 1912, disso viriam a ser exemplo.

Os países que eram até agora os decanos do atletismo, os Estados Unidos e a Inglaterra, são exemplos convincentes do que vale a prática do desporto e a boa preparação física. Os seus homens levaram a sua atividade, a sua expansão comercial e a influência dos seus hábitos a todo o mundo.⁹

Mas se as vitórias desportivas eram tidas como exemplos de superioridade dum povo (numa retórica que se iria acentuar nos anos 30 do século XX, com a ascensão do fascismo), a ausência de um determinado país, num evento com a dimensão dos Jogos Olímpicos, era vista na imprensa e opinião pública como um sinal de decadência, denotando um afastamento em relação à civilização europeia e ao que de mais importante sucedia no seu seio.

UNIÃO JORNALÍSTICA

Apesar da permanente instabilidade do meio desportivo, o desporto português viveu num ambiente consensual no início dos anos 1910, trabalhando em prol da denominada “causa desportiva”. Mas o Governo saído da Revolução republicana de 1910 estava “mais interessado na disciplina, na ordem e na saúde propagandeadas pela educação física do que na iniciativa, criatividade e divertimento praticados pelo desporto”.¹⁰ A ideia de desporto, enquanto “causa” social, era sobretudo uma ‘bandeira’ da imprensa desportiva, fomentando, por isso mesmo, a criação de uma associação dos jornalistas desportivos (a primeira do género em Portugal), de forma a salvaguardar os seus direitos enquanto classe profissional e o seu próprio ideário desportivo. Ganhou forma entre o final de 1910 e o início de 1911, seguindo o exemplo francês que desde 1905 contava com a Association des Journalistes Sportifs. Assim, a 31 de janeiro de 1911, nas páginas da popular revista lisboeta *Tiro e Sport*, o diretor técnico Duarte Rodrigues afirmava que a fundação de uma “organização da classe dos jornalistas desportivos”¹¹ representava a “natural sequência dos efeitos de todo o

⁸ GUTTMANN. *Games and empires: Modern sports and cultural imperialism*.

⁹ *Os Sports Ilustrados*, 20 janeiro 1912, p. 1.

¹⁰ PIRES. *Francisco Lázaro: o homem da maratona*, p. 99.

¹¹ RODRIGUES. Nada de sustos. *Tiro e Sport*, 31 janeiro 1911, p. 3.

labor principiado há anos”,¹² merecendo por isso “todo o entusiasmo”.¹³ Mas nem todas as opiniões eram favoráveis, já que alguns temiam que a associação viesse “cercear a liberdade de ação individual no campo da crítica”.¹⁴

A Associação dos Jornalistas Sportivos deu os primeiros passos em meados de 1911, agregando uma série de nomes de prestígio, quer da imprensa de especialidade, quer da generalista: Fernando Machado (secção desportiva do diário *O Mundo*), Duarte Rodrigues (*Tiro e Sport*), Soares Júnior (*Boletim da União Velocipédica Portuguesa*), Armando Machado (*O Século*), Mário Sant’Anna (*Diário de Notícias e Lucta*), José Pontes (*Os Sports Ilustrados*) e Neves Vital (*O Dia*), entre outros. A Associação consubstanciou-se graças ao facto de os jornalistas desportivos estarem “plenamente de acordo”¹⁵ em ficar “a coberto por uma disciplina conveniente e necessária para o seu bem material, contra os ataques estranhos e até prejudiciais à causa”,¹⁶ isto desde que essa “disciplina” não interferisse com a sua independência jornalística.

Era também consensual que a nova agremiação não devia limitar o seu papel apenas “à defesa de uma classe laboriosa”¹⁷ (a dos jornalistas desportivos), devendo estender a ação ao “campo da propaganda doutrinária, tornando a Associação como que numa academia de onde se faça irradiar toda a luz que a causa desportiva carece para destruir todos os vícios que a estão arruinando”.¹⁸ E, na opinião de alguns jornalistas, a Associação era a única coletividade com “a força moral e material”¹⁹ necessária para “limpar o meio desportivo dos males que o enfezam”.²⁰ Um desses ‘males’ relacionava-se, precisamente, com a constante ausência de atletas portugueses das Olimpíadas, isto numa altura em que as vitórias desportivas eram tidas como exemplos de superioridade dum povo.

¹² RODRIGUES. Nada de sustos. *Tiro e Sport*, 31 janeiro 1911, p. 3.

¹³ RODRIGUES. Nada de sustos. *Tiro e Sport*, 31 janeiro 1911, p. 3.

¹⁴ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

¹⁵ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

¹⁶ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

¹⁷ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

¹⁸ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

¹⁹ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

²⁰ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

OPERAÇÃO ESTOCOLMO

Em finais de 1911 passaram a ser regulares os artigos de opinião e editoriais que incentivavam a primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos. Sucederam-se também as cartas dos leitores, em *O Século* e *Os Sports Ilustrados*, em que se defendia uma “cruzada” em prol da participação olímpica e a melhoria das condições de treino para os “sportsmen” portugueses. A questão do treino, ou neste caso a falta dele, era apontado como “o ponto mais fraco”²¹ do desporto português, envolvendo todas as modalidades. Era, por isso, imperativo melhorar a qualidade do treino e exigir mais “perseverança e tenacidade”²² aos atletas, pouco recetivos a “uma longa e cuidadosa preparação”.²³ Para além disso, era necessário aumentar os conhecimentos técnicos do treino desportivo e da preparação física dos atletas, através da leitura de livros e trabalhos publicados pelos principais treinadores internacionais em revistas de desporto (referindo-se habitualmente aos treinadores norte-americanos e ingleses). Finalmente, um outro problema apontado ao atleta português era a ausência de uma especialização.

O corredor da Maratona está convencido de que é um excelente corredor de 100 metros. Por cá é assim em tudo. Vivemos na terra do faz-tudo e do enciclopédico! Somos da terra onde o homem que dá pontapés numa bola se atreve a ser jornalista e dar leis, com ar de catedrático, sobre aviação, sobre futebol, sobre ginástica e sobre higiene corpórea!²⁴

A estes problemas juntava-se o facto do meio desportivo português estar numa fase inicial de estruturação e institucionalização. O futebol, por exemplo, modalidade introduzida em 1888 pela família Pinto Basto, contava unicamente (apesar dos seus 23 anos de prática) com duas associações de regionais (Lisboa, criada em 1910, e Portalegre, em 1911). E a maioria das iniciativas marcantes ligadas ao futebol, como foram o primeiro torneio interclubes (disputado em Lisboa, em 1906) ou a primeira visita a Lisboa de um clube estrangeiro (os franceses do

²¹ *Os Sports Ilustrados*, 23 dezembro 1911, p. 1.

²² *Os Sports Ilustrados*, 23 dezembro 1911, p. 1.

²³ *Os Sports Ilustrados*, 23 dezembro 1911, p. 1.

²⁴ *Os Sports Ilustrados*, 23 dezembro 1911, p. 1.

Stade Bordelais, em maio de 1911), partiram da imprensa desportiva, respetivamente da revista *Tiro e Sport* e do jornal *Os Sports Illustrados*.

Apesar desta preponderância organizativa dos jornais, que se manteve ao longo das décadas de 1910 e 1920, era consensual a ideia de que uma representação olímpica não deveria partir da imprensa, mas sim dos clubes e da Sociedade Promotora da Educação Física Nacional (SPEFN). Esta entidade, criada em 26 de outubro de 1909, era a única que tinha “por vocação coordenar a organização da educação física do país uma vez que o Estado estava completamente alheado das questões desportivas”.²⁵ Os Estatutos da SPEFN, porém, não “expressavam, nem na letra nem no espírito, qualquer tipo de preocupação relativa ao Olimpismo ou até mesmo ao desporto”, estando vocacionada para o “domínio da saúde pelo que eram os higienistas, tais como médicos, os militares e os professores de ginástica, os seus principais aderentes”.²⁶ No entanto, seriam alguns membros deste organismo, aliados à imprensa, que iriam promover a organização dos Jogos Olímpicos Nacionais, que contaria com quatro edições, entre 1910 e 1914. Na origem destes jogos esteve precisamente a necessidade de preparar atletas portugueses para uma futura participação olímpica e promover a prática desportiva popular, ideias defendidas pelos seus mentores, o Conde de Penha Garcia e Jayme Mauperrin Santos, figuras da elite lisboeta e do desporto nacional, e colaboradores regulares na imprensa.

Entre o final de 1911 e o início de 1912, o consenso sobre a necessidade de Portugal participar nos Jogos Olímpicos de Estocolmo era generalizado, mas os recursos financeiros para financiar a comitiva eram quase inexistentes, ainda não existindo oficialmente um Comité Olímpico Português. Os clubes viviam com dificuldades financeiras e estruturais, faltavam federações organizadas e a classe política estava mais preocupada com outras questões sociais, não percebendo, muitas vezes, a dimensão popular e identitária que poderia envolver uma participação olímpica.

Entre 1909 e 1911, o Ministério dos Negócios Estrangeiros foi informado, por diversas vezes, pelo comité organizador dos Jogos Olímpicos de Estocolmo-1912, sobre as provas a realizar, a data de inscrição e o calendário do evento. No entanto,

²⁵ PIRES. *Francisco Lázaro*, p. 35.

²⁶ PIRES. *Francisco Lázaro*, p. 35.

o Governo português, através da direção da Instrução Pública, embora informado, resolveu “fazer silêncio sobre o caso”.²⁷ Este silêncio seria unicamente quebrado pelos jornais, liderados por *O Século* e *Os Sports Ilustrados*, que encetaram uma campanha a favor da participação de Portugal nos Jogos Olímpicos. Os argumentos dos jornais eram simples. Portugal contava com atletas de nível internacional, capazes de competir no estrangeiro, sendo somente necessário melhorar as suas condições técnicas (intensificar e melhorar a qualidade dos treinos e organizar mais provas atléticas, promovendo uma maior competitividade interna). A figura de Francisco Lázaro era apresentada como exemplo do nível elevado dos atletas portugueses, já que o seu tempo obtido na maratona de Lisboa de 1911 era ao nível dos melhores maratonistas mundiais. Além disso, era o prestígio do País que parecia estar em causa, com a ausência de Portugal (caso se verificasse mais uma vez na V Olimpíada) a ser vista como um exemplo da desorganização nacional e do atraso estrutural do País, longe das nações modernas que habitualmente participavam nos Jogos Olímpicos. Por esta altura, o desporto era sinónimo de modernidade, produto de um processo civilizacional e de desenvolvimento político, económico e social, sendo a assunção da prática desportiva sintomática de qualquer país moderno.²⁸ Por isso, a participação em Estocolmo-1912 era vista como um exemplo de modernidade.

Andamos afastados da Europa e da sua gente civilizada e os avanços evolutivos de um sistema completo de educação são menos conhecidos em Portugal que na Oceânia. Esses ecos da civilização têm mais dificuldade em transpor os Pirenéus que atravessar o Atlântico!²⁹

Entre janeiro e fevereiro de 1912, pese a insistente campanha da imprensa, o Governo manteve-se alheado da responsabilidade de financiar uma participação olímpica. E, em 6 de fevereiro de 1912, o Ministro do Interior, numa intervenção pública no Ginásio Clube Português, anunciava oficialmente o que se antevia: o Governo não tinha recursos financeiros para auxiliar a participação de uma equipa portuguesa nos V Jogos Olímpicos, em Estocolmo. A notícia entristeceu a imprensa e o meio desportivo. Mas a reação não se fez esperar, com *O Século* e *Os Sports*

²⁷ *Os Sports Ilustrados*, 13 janeiro 1912, p. 1.

²⁸ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*.

²⁹ *Os Sports Ilustrados*, 10 fevereiro 1912, p. 1.

Ilustrados a mostrarem a sua indignação pela falta de apoio político ao desporto e à participação olímpica, lembrando que os clubes, economicamente débeis, não o poderiam fazer sozinhos. O mais lamentável, segundo a imprensa, era o facto de Portugal poder “formar um *team* poderoso para nos representar na Suécia”,³⁰ contando com uma grande esperança, Francisco Lázaro, cujos tempos na maratona rivalizavam com os melhores tempos mundiais da especialidade. “O que não faria Francisco Lázaro se tivesse uma preparação cuidada? ...É que o nosso operário tem a robustez dos Hércules lá de fora e ao mesmo tempo a *alma* de um português!”.³¹

Este argumento, de Portugal contar com um “team poderoso” e por isso devia estar presente nos Jogos Olímpicos, era sustentado, em grande medida, na figura de Francisco Lázaro. Desde 1908 que Lázaro, então com 20 anos, dominava o panorama das corridas de fundo em Portugal, vencendo consecutivamente a Maratona de Lisboa de 1908 (disputada na distância de 24 km), 1910, 1911 e 1912 (em 1909 não correu por doença). As poucas provas de fundo em estrada e de corta-mato, disputadas neste período, foram igualmente conquistadas por Lázaro, que em 1911 representou o Sport Lisboa e Benfica, transitando no ano seguinte para o Lisboa Sporting Clube. Nesta agremiação encontrou melhores condições de treino e alimentação, proporcionadas pelo apoio financeiro de D. José de Mascarenhas, entusiasta do atletismo. A melhoria das condições levou Lázaro a tentar bater, em abril de 1912, o recorde do mundo da meia-hora (em corrida), detido pelo francês Jean Bouin, com a distância de 9.721 metros. Lázaro não o conseguiu bater, mas obteve a excelente marca de 8.829 metros, dando indicações da sua boa condição física. Cerca de dois meses depois, a 2 de junho, em Lisboa, Lázaro correu a Maratona de 1912, enfrentando 21 concorrentes e a dureza de um percurso com 42.800 metros. Na véspera, todos os atletas foram alvo de uma inspeção médica, obrigatoriedade introduzida nesse ano para os inscritos. Apesar da dureza da prova, unicamente desistiram quatro corredores, vencendo Lázaro com um tempo promissor de 2 horas e 52 minutos (o segundo classificado, Matias de Carvalho, fez 3h05m).

³⁰ *Os Sports Ilustrados*, 17 fevereiro 1912, p. 1.

³¹ *Os Sports Ilustrados*, 17 fevereiro 1912, p. 1.

O tempo de Lázaro na maratona passou a ser utilizado pela imprensa e meio desportivo para justificar a enorme qualidade do atleta (e dos desportistas portugueses em geral), já que era inferior ao tempo obtido pelo italiano Pietro Dorando na maratona dos Jogos Olímpicos de Londres em 1908, que cruzou a meta em primeiro lugar com um tempo de 2 horas e 54 minutos, obtido para percorrer 42.263 metros – Dorando, pasteleiro de Capri, seria desclassificado por “utilização de ajuda de estranhos” no final da prova (desfaleceu por quatro vezes), atravessando a meta com o apoio de membros da organização, entre eles Arthur Conan Doyle, criador da célebre figura de Sherlock Holmes. O ouro olímpico da maratona de 1908 seria entregue ao norte-americano John Joseph Hayes, que fez 2 horas e 55 minutos. Assim, na Maratona de Lisboa de 1912, Lázaro fez melhor tempo que Dorando (menos dois minutos) ou Hayes (menos três minutos) e numa prova mais longa (correu mais 537 metros, tendo na ponta final que subir a íngreme Calçada do Carriche). Este tempo promissor do atleta português, aliado à euforia política da época (pós-Revolução de 1910), juntamente com a necessidade de afirmar Portugal no panorama internacional, justificou em parte a campanha levada a cabo pela imprensa, profusa defensora da estreia de Portugal nos Jogos Olímpicos. Lázaro encarnava o papel do herói nacional, ao ser uma “figura central” de um tempo histórico, assumindo-se como “um protagonista qualificado que se salienta do conjunto das restantes personagens por ações excecionais, muitas vezes, difíceis de entender ou de igualar”.³²

PREPARATIVOS DA ESTREIA OLÍMPICA

A imprensa desportiva, no seu todo e graças à ação agregadora da Associação dos Jornalistas Sportivos, assumiu no início de 1912 um papel importante na consolidação da ideia de desporto em Portugal, a qual tinha como principal objetivo a estreia olímpica. A este movimento aliaram-se várias figuras da Liga Sportiva de Trabalhos Atlético (criada em 1909) e da Sociedade Promotora da Educação Física Nacional (SPEFN). Esta última elaborara, em abril de 1911, um projeto de reforma

³² REIS. *Dicionário de estudos narrativos*, p. 193.

do ensino da ginástica, a pedido da Direção-Geral de Instrução Secundária, Superior e Especial, publicado no *Diário da República* de 29 de maio de 1911. O diploma legal centrava-se essencialmente na definição profissional do professor de ginástica (estipulava a criação de um curso de professores de ginástica), estando por isso a SPEFN mais preocupada com questões que interessavam aos médicos e professores de ginástica (na linha higienista da época) do que com matérias relacionadas com o desporto, como era a participação olímpica.³³ Isso determinou que alguns dirigentes da SPEFN, mais próximos da ideia de desporto, enveredassem por um outro caminho institucional, com a criação oficial do Comité Olímpico Português³⁴ (COP), na terça-feira, 30 de abril de 1912, após a assembleia magna de clubes e jornalistas desportivos realizada no Centro Nacional de Esgrima, em Lisboa. Essa reunião determinou a eleição por unanimidade e aclamação de J. Mauperrin Santos para primeiro presidente do Comité Olímpico, definindo seis grandes objetivos,³⁵ entre os quais “fazer a propaganda dos Jogos Olímpicos Internacionais”.

Para a imprensa, a criação do COP não era uma afronta à SPEFN, mas “um poderoso auxiliar”,³⁶ contribuindo ambas para “a marcha evolutiva do nosso desporto”,³⁷ cabendo ao COP tornar “conhecidos os nossos Hércules além-fronteiras”³⁸ e à SPEFN “animar a propaganda da educação física, estreitando as relações dos clubes”.³⁹ Nas edições do mês de maio, o jornal *Os Sports Ilustrados* daria especial atenção às atividades do COP, referindo que este tinha como principal missão “zelar pelos interesses desportivos dos portugueses nas suas relações desportivas internacionais”.⁴⁰ Para isso, o Comité tinha a dupla função de preparar “equipas para concorrer às Olimpíadas” e organizar regularmente “congressos de Educação Física”. E o seu objetivo prioritário era o de “procurar recursos para enviar um grupo de atletas portugueses a Estocolmo”.⁴¹

³³ PIRES. *Francisco Lázaro*, p. 43.

³⁴ A primeira designação era de Comité Olímpico Nacional (cf. *Os Sports Ilustrados*, 27 abril 1912, p. 1).

³⁵ *Os Sports Ilustrados*, 7 maio 1912, p. 2.

³⁶ *Os Sports Ilustrados*, 25 maio 1912, p. 1.

³⁷ *Os Sports Ilustrados*, 25 maio 1912, p. 1.

³⁸ *Os Sports Ilustrados*, 25 maio 1912, p. 1.

³⁹ *Os Sports Ilustrados*, 25 maio 1912, p. 1.

⁴⁰ *Os Sports Ilustrados*, 25 maio 1912, p. 1.

⁴¹ *Os Sports Ilustrados*, 25 maio 1912, p. 1.

Nas semanas seguintes à criação, o COP reuniu regularmente, ganhando a sua ação algum consenso no meio desportivo, o que foi exaltado na imprensa. Foi sob este signo de respeitabilidade que em 21 de maio de 1912 se realizou a reunião do COP para a escolha dos atletas a enviar a Estocolmo. Avaliados os recordes e as trajetórias competitivas dos atletas, o COP pré-selecionou cinco atletas da esgrima (Fernando Correia, Mário Noronha, Sebastião Herédia, António Osório e C. Castelo Branco), um da natação (Carlos Sobral), três da luta (César de Melo, Joaquim Vital e António Pereira) e cinco do atletismo (Francisco Lázaro, António Stromp, Armando Cortesão, Correia Leal e M. Carvalho). De seguida, o COP decidiu acompanhar o treino dos atletas e garantir os melhores critérios para a seleção final dos mesmos. Em virtude da falta de treinos e de empenhamento, vários atletas seriam excluídos, enquanto outros se mostraram indisponíveis para ir a Estocolmo. Restou uma lista final de dez atletas, todos de clubes lisboetas e de perfil social diverso: 1) César de Melo – Luta greco-romana (categoria de médios). Aluno de medicina da Universidade de Coimbra, era o campeão nacional. Invencível em Portugal, ganhou prestígio no Campeonato da Europa de Luta de 1910, em Budapeste, onde venceu todos os adversários; 2) António Pereira – Luta greco-romana (categoria de levíssimos). Este topógrafo-desenhador ganhou muito prestígio durante o Campeonato da Europa de Luta de 1910, em Budapeste, onde atingiu a final, impondo-se pela forte compleição física e exuberante capacidade atlética. Na sua categoria, dominava em Portugal; 3) António Stromp – Atletismo (100 e 200 metros). Estudante dos liceus de Lisboa, era um atleta prodigioso, tanto para as provas de velocidade como para o futebol. Era o corredor mais rápido em Portugal, dando mostras de poder melhorar os seus tempos com treino específico; 4) Armando Cortesão – Atletismo (800 metros). Estudante do Instituto Superior de Agronomia, era um especialista nos 800 metros, fazendo tempos próximos dos grandes corredores internacionais da distância; 5) Correia Leal – Atletismo (400 metros). Estudante da Universidade de Lisboa, em 1912 detinha o recorde nacional dos 400 metros, apresentando tempos de nível internacional. Contava com um arranque poderoso; 6) Fernando Correia – Esgrima de espada. Empregado superior do Montepio Geral, era membro do COP, diretor de vários clubes lisboetas e jornalista. Era campeão nacional, contando com brilhantes prestações em provas

internacionais; 7) Francisco Lázaro – Atletismo (maratona). Carpinteiro numa fábrica de carroçarias automóveis, dominou as maratonas em Portugal entre 1908 e 1912, fruto de uma forte determinação e capacidade de sofrimento; 8) Joaquim Vital – Luta greco-romana (categoria de meios-médios). Empregado comercial e jornalista (na secção desportiva de *O Século* e *Os Sports Ilustrados*), era o campeão de Portugal na sua categoria; 9) Matias de Carvalho – Atletismo (1500 metros e/ou maratona). Membro da Marinha de Guerra Portuguesa, era um dos mais completos atletas portugueses, tanto em corridas de meio-fundo como de fundo. Era dominador nos 1500 metros; 10) Sebastião Herédia – Esgrima (florete). Notável esgrimista, contava com uma excelente capacidade atlética e inteligência, não se intimidando a nível internacional. No Campeonato da Europa de Esgrima de 1910, em Nice, impôs-se aos melhores mestres estrangeiros.

Escolhidos os atletas que iriam formar a comitiva portuguesa aos Jogos Olímpicos de Estocolmo de 1912, o COP tinha como missão seguinte a angariação de recursos financeiros, envidando esforços junto do Governo e de possíveis mecenas (sobretudo ‘amigos endinheirados’ dos membros do COP). Foi ainda decidida a organização de um sarau desportivo no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, reunindo os melhores atletas portugueses amadores (o profissionalismo só muito mais tarde surgiria no desporto português), entre os dias 16 e 20 de junho. Uma subscrição pública nacional foi iniciada com uma contribuição do próprio Presidente da República, a fim de se recolher fundos, mas poucos lhe seguiram o exemplo e o montante recebido foi reduzido. O sarau de angariação de fundos no Coliseu acabaria por se realizar, afinal, num único dia, o 22 de junho, apresentando 12 espetáculos desportivos diferentes, desde ginástica infantil até à luta a cavalo, passando por combates de boxe, o jogo do pau ou levantamento do peso, entre outros. O jornal *Os Sports Ilustrados*, a fim de despertar a atenção dos espectadores, publicou o seguinte texto na edição desse dia:

No vapor Amazon deve seguir no dia 26 para Londres e dali seguirá para Estocolmo, a equipa portuguesa que concorre aos jogos da V Olimpíada Internacional. A equipa é reduzida, pois o Comité Olímpico Português não podia correr os riscos de uma grande representação, sem o subsídio do Governo e com uma atmosfera de inconsciente hostilidade, porque a maioria ainda não reconheceu o grande valor patriótico desta iniciativa. O que era

necessário era fazer representar Portugal num certame onde todas as nações do Mundo se fazem representar. Vão dois, três ou quatro dos nossos atletas; é pouco mas é o suficiente para o objetivo que se pretende obter.⁴²

Os atletas selecionados para integrar a comitiva olímpica portuguesa foram apresentados durante o sarau, que contou ainda com diversos discursos de membros do COP, que exaltaram a importância da presença de Portugal nos Jogos Olímpicos. Mas, apesar da diversidade e interesse do programa, a afluência de público foi reduzida, o que se deveu em grande medida a uma greve dos condutores de elétricos, que praticamente paralisou os transportes públicos em Lisboa. Assim, a verba angariada com a bilheteira do sarau foi escassa, o que implicou reduzir a comitiva de dez para seis atletas, o que causou tristeza e consternação entre os quatro excluídos: César de Melo, Matias de Carvalho, Correia Leal e Sebastião Herédia. Na base desta exclusão estiveram também as fracas performances desportivas destes atletas nas provas desportivas realizadas a 24 de junho, no Campo Grande, que determinaram, por exemplo, a exclusão de Matias de Carvalho e Correia Leal. A comitiva olímpica portuguesa ficou, assim, reduzida a seis atletas, representando três modalidades: Atletismo⁴³ – António Stomp, Armando Cortesão e Francisco Lázaro; Luta greco-romana – António Pereira e Joaquim Vital; Esgrima – Fernando Correia. O mais novo era António Stomp, com 18 anos e 34 dias, enquanto o lutador Joaquim Vital era o mais veterano, com 27 anos e 316 dias.

RUMO A ESTOCOLMO

Aquela que era a primeira comitiva olímpica de Portugal, formada por seis atletas, partiu de Lisboa a 26 de junho, a bordo do paquete “Astúrias”, da Mala Real Inglesa, com as passagens em primeira classe a serem oferecidas pela família Pinto Basto. Centenas de pessoas acorreram ao Cais das Colunas para se despedir dos atletas, que foram aclamados pelos populares e pelas respetivas famílias (entre as quais a mulher de Lázaro, grávida de cinco meses) na hora da despedida. A equipa olímpica era chefiada por Fernando Correia, desempenhando Joaquim Vital a função de

⁴² *Os Sports Ilustrados*, 22 junho 1912, p. 1.

⁴³ O termo utilizado na época para definir as provas de atletismo (corrida) era pedestrianismo.

treinador e massagista, não sendo o grupo acompanhado por nenhum dirigente desportivo, o que se deveu a questões económicas. Correia e Vital estavam também acreditados como jornalistas junto da organização, ao serviço respetivamente dos jornais *O Intransigente* e *Os Sports Ilustrados*, de Lisboa – no total estavam acreditados 445 jornalistas, na sua maioria suecos (186), seguindo-se alemães (42), britânicos (29), norte-americanos (28) e húngaros (27).

A comitiva lusa viria a atracar no porto de Southampton, viajando depois de comboio até à cidade portuária de Harwich, de onde atravessou o Mar do Norte e chegou a Esbjerg, na Dinamarca. Prosseguiu para Copenhaga, com diversas mudanças de transporte, entre barcos e comboios, chegando a Estocolmo a 2 de julho, após seis dias de viagem. À chegada à estação ferroviária da capital sueca, os seis atletas tinham à sua espera o vice-cônsul Adolf Lindroth, responsável por acompanhar a equipa olímpica portuguesa durante a estadia. Lindroth tinha sido enviado pelo embaixador⁴⁴ português em Estocolmo, o diplomata e poeta António Feijó, e informou os atletas que o embaixador e a mulher os aguardavam para almoçar na sua casa. Aguardava-os um almoço ‘à portuguesa’, de forma a dar algum alento aos atletas após a viagem que tinham enfrentado. Foi de forma calorosa que o embaixador António Feijó recebeu os seis atletas portugueses, entre os quais estava um primo do embaixador, Armando Cortesão, o que ajudou a estreitar os laços de amizade entre o diplomata e o grupo.

A comitiva portuguesa ficou instalada numa escola sueca, situada no número 54 da Rua Lineu, que tinha sido reconvertida temporariamente para receber atletas olímpicos (das nações com menos possibilidades financeiras). Foram montadas diversas camaratas, além de um vasto conjunto de comodidades mínimas (duches, cacifos, etc.), para que os participantes se sentissem cómodos e bem acolhidos (era um espaço bem iluminado, arejado e com um terraço adequado para o treino, como relatou a imprensa). O chefe de missão, Fernando Correia, ficou instalado no Hotel Continental, uma vez que a sua condição de líder da comitiva o obrigava a receber visitas oficiais.

⁴⁴ O cargo tinha a designação de “enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Portugal em Estocolmo”, encontrando-se a correspondência de António de Castro Feijó sobre a visita olímpica no Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa (GOMES. O nosso homem na Suécia).

No primeiro dia de estadia em Estocolmo, os atletas portugueses visitaram o imponente Estádio Olímpico, acompanhados do vice-cônsul Lindroth. Passearam pelas pistas anexas ao recinto, receberam os bilhetes de identidade olímpicos, os distintivos especiais, os mapas da cidade e os programas com os horários das provas. Em comparação com as provas atléticas em Portugal, ainda muito insipientes, a organização sueca parecia impecável aos olhos dos atletas portugueses. Igualmente impressionante, para os seis atletas lusos, foi a comitiva norte-americana, que tinha um enorme paquete atracado no porto de Estocolmo, onde contavam com todas as comodidades para a prática desportiva (piscinas, pista de atletismo) e uma vasta equipa de massagistas e treinadores. A organização norte-americana, sobretudo a disciplina imposta pelo treinador-chefe, impressionou os atletas portugueses, pouco habituados àquele nível de exigência e metodologia de treino. E tal como os norte-americanos, grande parte das comitivas estava bem instalada, em bons hotéis da cidade.

Para os seis atletas portugueses, os dias passados em Estocolmo foram de grande euforia. Aproveitaram para passear e divertir-se pela cidade. Os jantares oficiais e as receções também não ajudaram à preparação física dos atletas lusos. Era de tal modo amadora a preparação do grupo português que nem sequer tinham levado consigo material para as massagens de recuperação após os treinos. O massagista improvisado era Joaquim Vital, que ao ver os restantes atletas, das outras equipas, a levarem massagens, decidiu tentar comprar numa farmácia sueca as chamadas “emborcagens” (mistura de vários líquidos, alguns de cariz alcoólico e anestésiante). O farmacêutico sueco, por inépcia ou falta de comunicação, já que Vital dominava mal o francês e não falava inglês, vendeu-lhe um frasco com um líquido transparente e incolor. Depois de um treino, Armando Cortesão foi o primeiro a ser massajado por Vital com esse líquido, perante o olhar estupefacto de um grupo de suecos, que ao ver o frasco avisou os atletas portugueses que se tratava de um remédio para os dentes. Este evento ilustra bem o grau de amadorismo que grassava entre a comitiva lusa – episódios que teriam eco na imprensa portuguesa, sobretudo nas páginas do lisboeta *Os Sports Ilustrados*, que relatou todos estes eventos.

ESTREIA OLÍMPICA

A abertura oficial dos Jogos Olímpicos de Estocolmo realizou-se a 6 de julho de 1912, naquele que era o primeiro estádio olímpico construído para acolher a competição. O recinto era magnífico, com grandes colunas e uma tribuna real que contaria regularmente com a presença da família real sueca, em especial o Rei Gustavo V, que disponibilizara os seus terrenos particulares para a construção do estádio. A tribuna de imprensa era outra das novidades (estavam acreditados 445 jornalistas), sublinhando-se também as diversas estátuas em bronze no exterior e os espaços verdes e pistas de treino à volta do recinto. Embora algo afastado do centro da cidade, o estádio contava com uma excelente rede de elétricos, reforçada durante os Jogos que se prolongariam até 22 de julho. Concebido pelo arquiteto sueco Torben Grut, o estádio oferecia cerca de 30 mil lugares sentados, merecendo grande reconhecimento internacional pela sua arquitetura e funcionalidades. Entre as inovações técnicas esteve a contagem elétrica dos tempos para apoiar os cronómetros manuais – os resultados podiam ser finalmente determinados em décimos de segundos – e no atletismo introduziu-se o “photo finish”, que seria decisivo, por exemplo, para a atribuição da medalha de prata nos 1500 metros.

Do ponto de vista das questões género, as mulheres ganharam mais representatividade no movimento olímpico e por consequência nos *media*. Depois da sua primeira participação em Paris, em 1900, em que estiveram 22 mulheres,⁴⁵ em Estocolmo participaram 48 atletas femininas, obtendo ‘autorização’ para participar em mais modalidades. Para a abertura oficial, o estádio esgotou, estando representados pela primeira vez atletas dos cinco continentes. O presidente honorário para os Jogos Olímpicos de Estocolmo, o Príncipe Gustavo Adolf, proferiu o discurso solene, cabendo ao Rei Gustavo V declarar abertos os Jogos da V Olimpíada. Seguiu-se o desfile, que contou com os 2.407 participantes (2.359 homens e 48 mulheres)⁴⁶ que competiam nos 102 eventos das 14 modalidades

⁴⁵ Devido às diferenças de números encontrados em diversas fontes, decidiu-se considerar os números oficiais do Comité Olímpico Internacional. In *Factsheet The Games of the Olympiad* (Update 2024).

⁴⁶ *Factsheet The Games of the Olympiad* (Update 2024).

presentes, representando 28 países, sendo alguns deles estreantes, como Portugal e o Japão: “Os Jogos Olímpicos foram uma colossal manifestação de *sport* e de vida”.⁴⁷

Os atletas entraram no estádio atrás da respetiva bandeira nacional, empunhada geralmente pelo atleta mais popular, e ao som do respetivo hino. Portugal entrou depois da Noruega e à frente da Rússia (os países entravam por ordem alfabética), com Francisco Lázaro como porta-bandeira, ladeado por Joaquim Vital que empunhava o letreiro indicativo da nacionalidade, seguidos pelos quatro colegas de equipa. A comitiva lusa desfilou com a nova bandeira da República Portuguesa (o azul claro monárquico fora substituído pelo encarnado e verde, que o pintor Columbano Bordalo Pinheiro concebera), mas ainda sob a música monárquica do “Hino da Carta”, que nos atos solenes no estrangeiro ainda não havia sido substituído pelas estrofes de “A Portuguesa”. Este momento simbólico foi vivido debaixo de um intenso calor, alinhando-se gradualmente cada comitiva no centro do campo, onde ficariam cerca de hora e meia ao sol.

Após o final da sessão de abertura, que contou com todo o género de evocações olímpicas, seguiram-se as primeiras eliminatórias, começando pelos 100 metros, em que estava inscrito o português António Stromp. O corredor do Sporting Clube de Portugal seria o primeiro atleta português a estreiar-se nos Jogos Olímpicos, correndo após a sessão de abertura, participando na 5.ª série dos 100 metros com mais sete concorrentes. Classificou-se em 3.º lugar, o que lhe custou a eliminação, já que apenas passavam à fase seguinte os dois primeiros de cada série. Stromp alegou que o intenso calor sofrido durante o desfile o prejudicou bastante. Quatro dias depois, a 10 de julho, Stromp seria 4.º classificado na 18.ª série (entre oito concorrentes) dos 200 metros, o que lhe valeu nova eliminação.

Portugal contou com outro representante no atletismo, Armando Cortesão, inscrito nas provas de 400 e 800 metros. Aos 21 anos, apresentava uma excelente condição física. A primeira prova que disputou foi a eliminatória dos 800 metros, na tarde inaugural de 6 de julho, conseguindo ficar em 2.º lugar na 3.ª série (com um tempo de 2,02 minutos), perdendo por escassa diferença para o norte-americano J. P. Jones (2,01 minutos). Cortesão liderou a corrida, mas à viragem da última curva,

⁴⁷ FERNANDO CORREIA (chefe de missão). *Tiro e Sport*, 31 julho 1912, p. 2.

Jones acelerou o ritmo, batendo o português na reta final. A segunda posição permitiu que o atleta do CIF se apurasse para as meias-finais, para gáudio dos seus colegas, uma vez que se tratava do primeiro êxito da comitiva portuguesa. Mas na segunda meia-final, disputada no dia seguinte, uma distensão muscular obrigou-o a desistir da prova. Na eliminatória dos 400 metros, disputada na sexta-feira, 12 de julho, Cortesão ficou em 3.º lugar da 3.ª série, sendo eliminado. O atleta português obteve a excelente marca de 49,8 segundos, que seria recorde nacional em Portugal caso fosse homologado – porém, os tempos obtidos por Armando Cortesão em Estocolmo (400 metros em 49,8 segundos e 800 metros em 2,02 minutos) não foram homologados como recordes portugueses.⁴⁸

Quanto aos dois lutadores de greco-romana, António Pereira (categoria de levíssimos) e Joaquim Vital (categoria de meios-médios), entraram em prova nos dias seguintes, com desenlaces relativamente semelhantes e rápidos. António Pereira, cuja participação despertava bastante expectativa, pareceu ter encaminhado a primeira eliminatória, após vencer o primeiro assalto frente ao finlandês Haapanen, mas nos dois assaltos seguintes seria derrotado. Queixou-se de uma arbitragem injusta e do facto de Portugal não ter nenhum representante no júri da prova, para assim salvaguardar os interesses nacionais. Foi depois repescado, vencendo o inglês Mackensie, atingindo assim o 18.º lugar. Nessa altura enfrentou o sueco Anderson, com quem perdeu, acusando novamente a arbitragem de tendenciosa. Por seu lado, Joaquim Vital bateu o francês Barrier, mas foi eliminado ao perder com o italiano Carcereri, um excelente lutador que demorou apenas três minutos para derrotar o português, e com o finlandês Asikainen, que o bateu em circunstâncias bastantes duvidosas, com o lutador português a acusar a arbitragem de favorecer o atleta nórdico. A arbitragem foi acusada frequentemente de favorecer os lutadores suecos e finlandeses, registando-se um elevado número de protestos por escrito e o abandono por parte de vários lutadores. E não eram infundadas as críticas, já que todos os ouros

⁴⁸ Os tempos obtidos na Suécia perdurariam em Portugal durante anos, embora na altura não tivessem sido homologados (ainda não existia esse cruzamento de tempos, nem a aceitação de tempos obtidos no estrangeiro para constarem como recordes nacionais), sendo apenas batidos muito tempo depois: os 400 metros demorariam 33 anos a serem corridos com um tempo inferior, o que sucedeu apenas a 4 de agosto de 1945, em que Fernando Casimiro, do SL Benfica, cobriu a distância em 49,3 segundos; os 800 metros foram melhorados 26 anos depois (em 24 julho 1938) por António Calado, do União Almadense, com o tempo de 2,01 minutos.

olímpicos das categorias da luta greco-romana acabaram por ser conquistados por lutadores finlandeses (três ouros) e suecos (um ouro).

Relativamente à participação de Fernando Correia, na esgrima (variante de espada), esta apresentava um elevado grau de dificuldade, dado estarem 128 concorrentes em prova, divididos em 16 grupos de oito atiradores cada. No seu grupo, o atirador português conseguiu o apuramento para a fase seguinte, apesar das muitas peripécias envolvendo a arbitragem. No caso da esgrima, os problemas arbitrais relacionaram-se sobretudo com as dificuldades de comunicação entre os membros dos júris, formados por elementos de diferentes países, com línguas distintas. Embora apurado numa primeira fase, um protesto por parte de um esgrimista desclassificado levou o júri internacional a excluir Fernando Correia da competição, impedindo-o assim de continuar em prova. A imprensa portuguesa foi fazendo eco destes desenlaces desportivos, mantendo sempre a esperança de um bom resultado na participação do atleta mais categorizado, Francisco Lázaro. O maratonista apresentava propriedades capazes de gerarem a empatia das audiências, dada a sua condição social e formação humildes, ao contrário da generalidade dos colegas, pertencentes à elite lisboeta. Lázaro assumiu-se, desde o início da campanha olímpica, como a figura central deste momento histórico, com a sua personagem a ser nuclear na narrativa informativa.⁴⁹

MARATONA IMORTAL

Deste modo, as principais expetativas lusas de conquista de uma medalha estavam depositadas no maratonista Francisco Lázaro, que acabara a maratona de Lisboa de 1912 com um tempo promissor, sendo esta prova olímpica a mais cobiçada, já que estava associada ao princípio militarista que dominava a Europa – a distância percorrida correspondia à “marcha regular, diária, dum bom soldado”.⁵⁰ Em Portugal, o jornal *Os Sports Ilustrados* foi o que deu maior destaque noticioso a este momento histórico do desporto português e à personagem de Lázaro.

⁴⁹ PEIXINHO; SANTOS. Construção de um herói em tempo de COVID-19.

⁵⁰ *Os Sports Ilustrados*, 20 novembro 1911, p. 1.

Na véspera da maratona olímpica, a 13 de julho de 1912, todos os atletas inscritos foram chamados para uma inspeção médica, realizada por quatro médicos suecos. A equipa médica não encontrou nenhum atleta em más condições, aprovando Lázaro com nota de 'bom'. No dia da prova, o corredor português almoçou cedo e dirigiu-se de automóvel para o Estádio, acompanhado de Armando Cortesão e Fernando Correia, chegando por volta do meio-dia, com Lázaro a entrar de seguida nos vestiários, para equipar e colocar o dorsal n.º 518. Estava um domingo quente a 14 de julho de 1912, com cerca de 32 graus à sombra, motivando inclusivamente um grupo de médicos a tentar o adiamento da prova por algumas horas, de forma a salvaguardar a saúde dos atletas, o que a organização recusou. Todos os dias estiveram muito quentes durante a semana, com o sol a pôr-se por volta das 23 horas, o que é normal naquela região durante o período estival.

Poucos minutos antes da partida da maratona, marcada para as 13h45m, Francisco Lázaro tardava em aparecer na pista, onde já faziam exercícios de aquecimento os outros 67 atletas (estavam inscritos 98 maratonistas, mas 30 não compareceram à partida, na maioria dos casos por não terem podido integrar as suas comitivas, como sucedeu com o português Matias de Carvalho), que aguardavam para enfrentar os 40.200 metros da prova, a sua maioria disputada em terreno plano. A demora de Lázaro causou alguma preocupação entre os dois colegas. Armando Cortesão e Fernando Correia foram aos balneários e encontraram Lázaro a besuntar-se com sebo,⁵¹ questionando-se de imediato sobre a forma como o maratonista o tinha conseguido arranjar, já que não falava nenhuma língua estrangeira. Os dois colegas ainda tentaram que Lázaro tomasse banho, de forma a tirar o sebo da pele, mas a corrida estava prestes a começar, além de que o maratonista considerava que o sebo iria melhorar a sua performance atlética. Foi todo besuntado que Lázaro chegou à partida para a maratona, encontrando a maioria dos colegas com a cabeça coberta por bonés, boinas ou simples lenços brancos, para proteger do intenso sol. Eram poucos os maratonistas de cabeça descoberta (entre os quais os dois sul-africanos que viriam a conquistar o ouro e a prata), como sucedia com Lázaro, que recusara

⁵¹ Era costume utilizar este tipo de substâncias nas provas longas de natação em alto mar, para proteger os nadadores das temperaturas da água.

inicialmente correr com uma proteção na cabeça, afirmando mesmo que o calor não o incomodava, pelo contrário, seria benéfico para afastar alguns concorrentes, estando ele habituado ao calor tórrido do verão lisboeta – durante a prova viria a colocar um lenço branco na cabeça, como retratariam as imagens gravadas em filme da maratona olímpica de 1912.⁵²

Para apoiar Lázaro durante a corrida, os seus cinco colegas dividiram-se ao longo do trajeto, ficando António Pereira e António Stromp no quilómetro 5, que no regresso era o 35, e Joaquim Vital no quilómetro 15, que no regresso seria o 25. Quanto aos outros dois companheiros, Armando Cortesão aguardava-o nas imediações do Estádio, para o acompanhar nos quilómetros finais e Fernando Correia ficou no recinto olímpico. Logo no início da corrida, que começou com três minutos de atraso, às 13h48m, Lázaro acelerou à saída do estádio, ficando na vanguarda do grupo. Aos dois quilómetros seria fotografado⁵³ na frente da prova, ao lado de alguns dos principais favoritos. Passou pelo quilómetro 5 (primeiro posto de controlo) com cerca de 17-18 minutos, mantendo-se ainda no grupo dianteiro. Os dois colegas de equipa, que o esperavam nesse ponto, gritaram-lhe palavras de apoio. Aos 10 quilómetros, em Stocksund, Lázaro baixou para o meio do pelotão, não aparecendo nos 16 primeiros lugares, numa altura em que o finlandês Kolehmainen lançou um forte ataque na frente da corrida. Aos 15 quilómetros (no segundo posto de controlo), em Tureberg, quando passou por Joaquim Vital, Lázaro ia no 27.º lugar, aparentando capacidade para recuperar lugares nos quilómetros seguintes, utilizando assim a tática do costume, aumentando progressivamente. O ritmo frenético imposto na frente pelo finlandês Kolehmainen (que acabaria por não terminar a corrida), que tentava assim juntar o ouro da maratona ao já conquistado nos 5.000 metros, 10.000 metros e no corta-mato, acelerou a corrida, impondo uma cadência extraordinária.

⁵² Cf. Arquivo canal sueco de televisão SVT.

⁵³ A fotografia seria publicada na capa de *Os Sports Illustrados*, 10 agosto 1912, p. 1.

Por volta da zona de Sollentuna,⁵⁴ a meio do percurso, Lázaro recuperara alguns lugares, tendo já um lenço branco a proteger a cabeça do sol.⁵⁵ Aos 25 quilómetros, quando voltou a passar por Joaquim Vital, ainda não figurava nos 19 primeiros,⁵⁶ mas mostrava-se confiante, dizendo ao colega que se sentia bem, apenas com sede, bebendo água pouco depois, num dos vários pontos de abastecimento (de 500 em 500 metros criaram-se postos de abastecimento com toda a espécie de refrescos). Nos quilómetros seguintes, Francisco Lázaro seria visto a cambalear enquanto atravessava a correr a colina de Ofver-Jarva, caindo algumas vezes, mas retomando sempre a corrida, para finalmente desfalecer por volta do quilómetro 30. Foi de imediato assistido pelo médico C. R. Torrell, que se encontrava no local (durante a prova estiveram de serviço um total de 11 médicos e 32 enfermeiros), chegando pouco depois o médico de serviço no posto de Silfverdal, G. Liljenroth, e o médico do carro do diretor da prova, K. A. Fries. A prioridade foi tentar que Lázaro voltasse ao estado de consciência, aplicando-lhe gelo sobre a cabeça (para arrefecer a temperatura do corpo), mas sem efeito. Uma vez que não reagia, os médicos telefonaram para o hospital e comunicaram o caso, enviando-o imediatamente numa ambulância para o Royal Seraphim Hospital, acompanhado pelo médico K. A. Fries. Deu entrada no hospital às 17h30, mantendo-se inconsciente e sofrendo de dolorosas câibras e convulsões em todo o corpo, num estado de delírio, com febre superior a 41 graus. Os sintomas indicavam um caso grave de insolação, possivelmente fatal.

Os três companheiros, espalhados por diversos pontos do trajeto da maratona, após algum tempo de espera e face à ausência de Lázaro (que não aparecia em lado nenhum), recolheram ao Estádio Olímpico, onde se juntaram aos outros dois colegas de equipa. Seria o embaixador António Feijó a informá-los que Lázaro estava hospitalizado. No hospital, os companheiros de Lázaro, apreensivos, questionaram o chefe da equipa médica sueca, o Professor Arnold Josefsson, sobre o estado do

⁵⁴ Em 1913 seria inaugurado nesse local um monumento evocativo da Maratona de 1912, estando escrita em ambos lados do monumento a palavra Vandpunkten (volta).

⁵⁵ O canal sueco de televisão SVT conta nos seus arquivos com imagens gravadas em filme da maratona olímpica de 1912, em que se vê Francisco Lázaro a beber água no posto de abastecimento colocado a meio do trajeto, com um lenço branco a proteger a cabeça.

⁵⁶ CARDOSO. Uma tragédia olímpica, p. 34.

maratonista português, sendo informados que padecia de uma meningite declarada, com possíveis derrames nas meninges, causados por uma forte insolação. O seu estado de saúde era grave, de tal forma que o embaixador António Feijó não abandonou o hospital, o que sensibilizou muito os companheiros de Lázaro, por quem Feijó começava a ter alguma amizade, considerando-os “bons rapazes”.⁵⁷ Nessa altura, alheios a esta tragédia, quatro mil pessoas jantavam no banquete de honra oferecido ao vencedor da maratona, o sul-africano Kenneth McArthur.

Os tratamentos a Lázaro continuaram durante a noite, supervisionados por uma experiente equipa médica sueca, com o atleta a levar injeções de água salgada, com as quais pareceu melhorar, movendo as mãos ao ouvir pronunciar o seu nome pelos colegas e por uma mulher sueca que o acompanhava desde o desfalecimento. Pouco depois entraria em delírio, movendo-se como se ainda estivesse a correr a maratona. Lázaro acabaria por falecer às 6h20 da manhã do dia 15 de julho de 1912. “No momento de abandonar a terra que não mais tornaria a ver, disse a um dos seus diletos amigos, com a mesma simplicidade que foi sempre apanágio da sua vida, estas palavras: ou ganho ou morro!...”⁵⁸

A maratona, corrida sob elevadas temperaturas, determinou que dos 68 atletas ao início, apenas 34 terminaram a prova, ficando pelo caminho metade dos maratonistas (verificaram-se vários casos de insolação), entre eles Lázaro, a única vítima mortal e a primeira registada nuns Jogos Olímpicos. O vencedor da prova, o sul-africano Kenneth McArthur, que fez um tempo de 2 horas e 36 minutos, chegaria também ao fim exausto, sendo necessário segurá-lo pelos braços para receber a medalha de ouro e para tirar as fotografias da vitória. Alguns dias após a maratona, sete médicos suecos enviaram um documento ao Comité Olímpico Internacional, em que se referiram à morte de Lázaro e recomendavam que, no futuro, a maratona olímpica devia ser disputada em horas mais frescas do dia e não no pico do calor, como sucedera em Estocolmo. Na opinião dos médicos, o valor desportivo da maratona olímpica não tinha tanto peso que merecesse pôr em risco a vida dos participantes.⁵⁹ “A sua corrida foi a corrida da Morte. A sua glória

⁵⁷ GOMES. O nosso homem na Suécia, p. 37.

⁵⁸ *Os Sports Illustrados*, 20 julho 1912, p. 1.

⁵⁹ NOLASCO. A morte de Francisco Lázaro, p. 8.

alvoreceu na Morte. Todos os seus alentos se esgotaram na imensa febre patriótica do seu peito”.⁶⁰

A morte de Lázaro seria recordada como “o episódio mais dramático da nossa participação nos Jogos Olímpicos”.⁶¹ E levantaria muitas dúvidas quanto ao motivo que levou a tão trágico desfecho, gerando diversas teorias, na imprensa e na opinião pública. Houve quem afirmasse que Lázaro havia sido envenenado para não vencer a prova, enquanto outros defenderam um ataque cardíaco, causas intestinais, a má preparação atlética e o abuso da estricnina ou de alguma droga mais forte, utilizadas na preparação das emborcaduras⁶² (cocktais que misturavam vários géneros de líquidos e drogas, com o suposto objetivo de melhorar a resistência dos atletas). Mas o argumento mais defendido foi o do ensebamento do corpo (era comum na época os atletas ensebarem as articulações para as protegerem do frio na prática de algumas modalidades), que terá causado um sobreaquecimento do corpo e impedido a normal transpiração do atleta, o que aliado ao intenso calor, terá estado na origem do colapso fatal. Centenas de jornalistas questionaram insistentemente o Comité Olímpico e a organização sobre as causas da morte. A autópsia, realizada pelo médico sueco F. Hénchen, encontrou o fígado de Lázaro “completamente mirrado, do tamanho de um punho fechado e rijo”,⁶³ o que comprovava a teoria da insolação e da falta de sudção devido a ter-se untado com uma substância gorda: “Ia para vencer e foi vencido. Ia para lutar e caiu. Contudo Lázaro venceu porque deu à pátria todo o seu esforço, a sua vida”.⁶⁴

Em Estocolmo, a morte de Lázaro foi mantida em segredo durante algumas horas, o que a organização justificou com a necessidade de manter a atmosfera festiva dos Jogos.⁶⁵ No entanto, gradualmente a notícia foi-se espalhando e o constrangimento pela morte do atleta português foi tão profundo que levou o príncipe herdeiro da Suécia, Gustavo Adolfo, e o barão Pierre de Coubertin a virem

⁶⁰ *O Mundo*, 18 julho 1912, p. 1.

⁶¹ MAIA. Portugal nos Jogos Olímpicos, p. 216.

⁶² Sobre esta questão da emborcação. PIRES. *Francisco Lázaro*, p. 135-62.

⁶³ NOLASCO. A morte de Francisco Lázaro, p. 6.

⁶⁴ *Os Sports Illustrados*, 20 julho 1912, p. 1.

⁶⁵ Antes como agora, as tragédias não impedem que o “show must go on”. A tragédia no Estádio de Heysel, em 1985, ou o mortal acidente de Ayrton de Senna em 1994, não foram impedimentos para que, respetivamente, se realizasse o jogo da final da Liga dos Campeões entre o Liverpool e a Juventus, e que o Grande Prémio de San Marino continuasse.

pessoalmente dar as condolências ao chefe de equipa portuguesa, Fernando Correia, e ao embaixador português, António Feijó. O facto de Lázaro ter casado recentemente, e a mulher estar grávida, pesou muito na consciência coletiva e do movimento olímpico, mostrando-se a família real sueca muito solidária e preocupada com a tragédia e com o destino da família do atleta: “O ‘team’ português que foi a Estocolmo volta dizimado pela morte”.⁶⁶

O funeral provisório, realizado no dia seguinte, a 16 de julho, seria uma imponente manifestação de dor e tristeza, ficando o corpo de Francisco Lázaro depositado numa igreja católica sueca até ao dia da transladação para Portugal, o que só viria a suceder dois meses depois – a logística da trasladação do corpo não era simples, já que apenas por barco era possível fazer uma ligação direta entre Estocolmo e Lisboa. Os seus cinco colegas de comitiva regressaram a Lisboa desolados, desejosos de chegar a Portugal o mais rápido possível. Foi um regresso não projetado e antecipado devido à tragédia em que se viram envolvidos.

A imprensa desportiva portuguesa, que tinha acompanhado toda a participação olímpica com enorme expectativa, não tardou em elevar o nome de Lázaro ao patamar de herói nacional, numa época em que o nacionalismo se afirmava a nível europeu, apresentando o “culto do heroísmo”⁶⁷ como uma das suas principais características.⁶⁸ A jovem e periclitante República Portuguesa, que em inícios de julho de 1912 sofrera a segunda incursão monárquica liderada por Paiva Couceiro, não desaproveitou o fatídico episódio olímpico, com a imprensa a apresentar o maratonista luso como um verdadeiro exemplo de abnegação. O periódico *Os Sports Ilustrados* dedicou a capa de 20 de julho ao trágico acontecimento, publicando uma fotografia de Lázaro, em grande plano, tirada pelo fotógrafo Arnaldo Garcez,⁶⁹ durante a maratona de Lisboa, acompanhada do título

⁶⁶ *A Luta*, 16 julho 1912, p. 2.

⁶⁷ STERNHELL; SZNAJDER; ASHÉRI. *Nascimento da ideologia fascista*.

⁶⁸ Longe ainda estavam os tempos do mediatismo dos sujeitos desportistas, potenciados pelos meios de comunicação social e pelas redes sociais, revestidos de transcendência, capazes de feitos superlativos, numa narrativas que se foi adaptando aos tempos, acompanhando o processo geral da mundialização da sociedade do espetáculo (GOMES. *Ascensão e queda das celebridades desportivas*).

⁶⁹ Cobrava por fotografia (cliché era o termo usado), tendo acordado com Ruy Cunha e Alberto Totta o preço de 300 réis por fotografia publicada em *Os Sports Ilustrados*, que se vendia ao preço de 20 réis.

“O Campeão Portuguez das Maratonas”. O sentimento de heroísmo dominou as linhas escritas sobre o fatídico episódio: “Francisco Lázaro morreu como só podem fazê-lo os grandes homens da terra. Morreu com o nome do seu Portugal a extinguir-se-lhe nos lábios”.⁷⁰

O atleta interpretou o papel de herói trágico, não só entre a imprensa desportiva, mas também nas secções desportivas dos jornais generalistas, com destaque para *O Mundo* (edição de 18 de julho) e *A Luta* (16 de julho). A edição de 10 de agosto de *Os Sports Ilustrados* apresentaria na capa a única fotografia tirada a Francisco Lázaro durante a maratona de Estocolmo, numa altura em que ia no grupo da frente.

A própria imprensa sueca não ficou imune ao funesto acontecimento, com os jornais *Aya Dagligt Allehanda* e *Aftonbladet* a darem grande cobertura noticiosa à morte do português, encetando mesmo uma campanha de angariação de fundos com vista a apoiar a família de Lázaro. A opinião pública sueca, ao saber que se tratava de um simples carpinteiro e que deixava uma mulher grávida, acolheu a ideia de uma subscrição nacional. Esta iniciativa seria, no entanto, transformada pelo Príncipe Gustavo Adolfo num festival desportivo no Estádio Olímpico, revertendo a receita de bilheteira e as dádivas para a família de Lázaro. Nesse certame desportivo participaram vários atletas consagrados (muitos deles atletas olímpicos que ainda não haviam regressado a casa), em provas de atletismo, ginástica, entre outras modalidades, realizando-se um fogo de artifício no final do evento, que espalhou pelo céu as cores da bandeira portuguesa e um grande L flamejante, de Lázaro. Cerca de 32 mil pessoas assistiram ao festival, que se realizou cinco dias depois da morte do atleta, gerando uma receita líquida de 14 mil coroas,⁷¹ O valor angariado ficou numa instituição bancária sueca e parte foi aplicado num fundo ligado ao setor marítimo, recebendo anualmente os dividendos a família do atleta. Quando a filha de Lázaro atingiu a maioridade, em 1930, o dinheiro foi-lhe entregue na totalidade através da embaixada sueca em Lisboa.

⁷⁰ *Os Sports Ilustrados*, 20 julho 1912, p. 1.

⁷¹ Aproximadamente 70 mil euros (MESTRE. “*Ou ganho ou morro!*”, p. 96).

A ÚLTIMA CAMINHADA

O Comité Olímpico Português, ao tomar conhecimento da morte, convocou uma reunião para o dia 26 de agosto com os mais importantes clubes desportivos portugueses, tendo como objetivo preparar as exéquias de Lázaro. Acorreram 44 delegados, em representação da globalidade das agremiações de Lisboa e dos principais clubes do Porto, Matosinhos, Aveiro, Coimbra e Figueira da Foz. Na reunião decidiu-se organizar um cortejo fluvial que acompanharia o barco com o féretro, desde que entrasse no Tejo até à capela do Arsenal da Marinha, onde a urna ficaria depositada. Seguiria depois para o Cemitério de Benfica, acompanhada pelas diversas delegações e os muitos estandartes dos clubes. Iniciou-se também uma recolha de dádivas para preparar o funeral em Lisboa, podendo qualquer cidadão ou coletividade entregar um contributo.

As reuniões preparatórias das exéquias de Lázaro decorreram no início de setembro, com a imprensa a relatar todos os procedimentos definidos. O navio de guerra sueco “Vendsysset”, que transportou propositadamente o corpo de Lázaro desde Estocolmo, chegou a Lisboa no domingo 22 de setembro de 1912. No dia seguinte, pelas 17h00, com toda a logística preparada para receber o corpo, o navio sueco entrou no Tejo, fazendo-se de seguida o desembarque da urna, sob o olhar atento de centenas de pessoas e de vários fotógrafos (*O Século* publicaria fotografias desse momento). A urna do atleta foi transportada para terra pelas esquadilhas dos clubes náuticos, que arvoraram remos quando o caixão foi tirado para o cais e encaminhado para a casa (forrada de panos pretos) do ministro da Marinha, no Arsenal da Marinha, onde o corpo ficou depositado nessa noite, passando no dia seguinte para a capela do Arsenal, junto ao Terreiro do Paço. Em terra, o caixão foi simbolicamente transportado por Fernando Correia (chefe de missão em Estocolmo), e por cinco outras grandes figuras do desporto português (Álvaro Lacerda, Carlos Bleck, José Pontes, Guilherme Pinto Basto e Carlos Soveral Martins). A aguardar o corpo estava a família de Lázaro e um grande número de amigos. Foram organizados turnos de duas horas, pelos delegados dos clubes, para velarem o corpo. Milhares de lisboetas prestaram-lhe a última homenagem, solidarizando-se

com a viúva de Lázaro, que recebeu do comandante sueco uma lata de terra do local onde o atleta desfaleceu e uma fotografia da igreja onde o corpo esteve depositado. No dia seguinte, a 24 de setembro, pelas 16 horas, o corpo do maratonista foi conduzido a pé ao cemitério de Benfica, num funeral que juntou representações de 78 coletividades e uma multidão de pessoas, muitas das quais operários que vieram prestar a sua última homenagem a Lázaro. Houve fábricas que interromperam os trabalhos, permitindo aos trabalhadores participar no funeral. A acompanhar a urna, que ia coberta com a jovem bandeira de Portugal, foram também quatro carretas de flores e coroas, entre elas as que enviaram o rei da Suécia e o barão Pierre de Coubertin, ao som do toque fúnebre da Banda Filarmónica da Sociedade Euterpe, de Benfica. Os principais responsáveis do COP marcaram presença, fazendo todo o trajeto a pé, apoiando a família de Lázaro, que contou também com o apoio dos membros da equipa olímpica de 1912. Era a última caminhada que juntava os atletas portugueses de Estocolmo. Estes momentos ficariam imortalizados pela câmara fotográfica de Joshua Benoliel, o mais importante fotógrafo da época, que publicaria uma extraordinária fotografia do funeral na revista *Ilustração Portuguesa* de 30 de setembro de 1912: “Foi uma imponente manifestação de dor e de solidariedade sportiva, a do funeral de Francisco Lázaro”.⁷²

Durante o trajeto organizaram-se vários turnos para transportar o caixão ao ombro, sendo o penúltimo formado pelos sócios do Lisboa Sporting Clube (a que pertencia Lázaro) e pelos seus colegas da equipa olímpica. Chegados à porta do Cemitério de Benfica, por volta das 20 horas e após um trajeto de quatro horas desde o Terreiro do Paço, o caixão foi transportado até à sacristia pelos membros do COP. Durante a cerimónia final ouviram-se três discursos: Júlio Pinheiro Santinho (representante do Lisboa Sporting Clube), Fernando Correia (chefe de missão olímpica e companheiro de Lázaro em Estocolmo) e José Pontes (em representação do Comité Olímpico de Portugal), com este último a fazer um discurso emocionado. A urna foi depois transportada em ombros pelos companheiros olímpicos de Lázaro (Fernando Correia, António Stromp, António Pereira e Joaquim Vital), que assim se despediram do corpo do maratonista, colocando-o na casa do depósito, onde ficou

⁷² *Os Sports Ilustrados*, 28 setembro 1912, p. 1.

até ao dia seguinte por ser tardia a hora para o encerramento do jazigo. Apesar de entrada a noite, dezenas de jornalistas e milhares de pessoas assistiram a estes momentos. Terminava a saga dos seis atletas olímpicos portugueses que pela primeira vez participaram nos Jogos Olímpicos.

Quero pedir a todos que aqui, neste momento em que vimos deixar o nosso infeliz companheiro no seu repouso eterno, nós gravemos no nosso espírito, bem fundo, estas duas palavras que simbolizam um caráter sportivo e que coexistiam em Francisco Lázaro: *Tenacidade e Disciplina*.⁷³

Durante os meses e anos seguintes, a opinião pública, o meio desportivo e a imprensa passaram a utilizar o nome de Francisco Lázaro como o exemplo perfeito do “novo homem português” que devia surgir com a República, assim como de uma ideia de desportista que devia crescer na sociedade portuguesa. Foi precisamente isso que sucedeu em 19 de julho de 1913, um ano depois dos trágicos acontecimentos de Estocolmo, com o boletim *A Evolução Sportiva*,⁷⁴ lançado pelo Clube Sport dos Empregados do Comércio Eborense, de Évora, a lembrar na primeira página que “a morte do destemido campeão”⁷⁵ não devia atemorizar os desportistas portugueses, mas sim “incitá-los a que continuem desenvolvendo a matéria sportiva”.⁷⁶

O nome e a figura de Lázaro perdurariam na memória coletiva nacional nas décadas seguintes, recebendo constantes referências na imprensa e na sociedade portuguesa. Em abril de 1924, o seu nome foi imortalizado pela Câmara Municipal de Lisboa, que decidiu por unanimidade trocar a designação da Travessa do Borralho, onde se encontrava instalado o Lisboa Ginásio Clube (agremiação que Lázaro representava na altura da sua morte), pelo nome de Rua Francisco Lázaro. O exemplo seguiu-se noutras localidades portuguesas, continuando-se ao longo do século XX a recordar a memória do maratonista, dos seus cinco companheiros e da primeira participação olímpica portuguesa em Estocolmo-1912.

⁷³ Palavras de Fernando Correia (chefe de missão) durante o enterro de Lázaro. *Os Sports Ilustrados*, 28 setembro 1912, p. 1.

⁷⁴ Foi um número especial, dedicado a promover o festival desportivo que ia decorrer em Évora no domingo, 27 de julho de 1913, bastando apresentar uma edição do jornal para se entrar gratuitamente no festival.

⁷⁵ CARUJO. Um estímulo. *A Evolução Sportiva*, 19 julho 1913, p. 1.

⁷⁶ CARUJO. Um estímulo. *A Evolução Sportiva*, 19 julho 1913, p. 1.

CONCLUSÃO

A imprensa desportiva portuguesa, de início do século XX, desempenhou um papel crucial na construção de uma narrativa nacionalista que vinculava o sucesso desportivo à identidade nacional. Uma narrativa que se viria a acentuar nos anos 1920, com o surgimento de elementos agregadores da identidade nacional, como a Seleção Nacional de futebol, por exemplo. Como sugere Eric Hobsbawm (1990), os eventos e elementos desportivos modernos foram utilizados para reforçar o sentimento de pertença a uma comunidade imaginada, projetando a nação como uma entidade homogénea e heroica, sendo que, como se mostrou ao longo deste artigo, o jornalismo desportivo teve um papel fundamental em veicular a imagem dessa homogeneidade e heroicidade. No caso português, a participação nos Jogos Olímpicos de Estocolmo de 1912 serviu não apenas como afirmação internacional no cenário das nações modernas, como também exaltação dos feitos desportivos nacionais e dos seus heróis desportivos.

A morte de Francisco Lázaro, amplamente coberta pela imprensa, constitui um exemplo da construção simbólica do atleta como herói trágico. Com a afirmação de “Ou ganho ou morro”, Lázaro foi transformado em ícone patriótico, reforçando o mito do atleta como um combatente que se sacrifica em prole da pátria, uma narrativa explorada em regimes políticos que buscaram legitimação por meio do desporto.⁷⁷ Por outro lado, Francisco Lázaro, membro do operariado (carpinteiro), representou o ideal de atleta olímpico amador, que pratica desporto de forma desinteressada, e que ao mesmo tempo desafiou os cânones de um desporto de elites, praticado por indivíduos provenientes de classes socialmente favorecidas. A sua história é particularmente simbólica da luta entre as elites desportivas e a emergente democratização do desporto, no início do século XX português. A primeira participação olímpica portuguesa revela muito mais do que a singela participação num evento desportivo. Simboliza uma tentativa de inserção de Portugal numa ideia de modernidade de início de novo século, utilizando o desporto como instrumento de afirmação nacional e internacional. Francisco Lázaro tornou-

⁷⁷ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*.

se um símbolo da dimensão trágica e heroica que o desporto pode assumir, evidenciando como os ideais desportivos se entrelaçam com questões de identidade, poder e memória coletiva.

A história do olimpismo em Portugal inicia-se, assim, sob o signo do sacrifício, mas também da persistência, marcando para sempre a relação do País com os grandes eventos desportivos internacionais, tendo os jornalistas e respetivos órgão de comunicação social como protagonistas na produção de narrativas superlativas e imaginárias sobre um ideal de nação. Nesta linha, este artigo abre pistas de investigação sobre a relação entre *media* e olimpismo, a partir de uma perspetiva histórica, quer em termos de comparativismo com outras participações olímpicas portuguesas (noutros períodos de mudança política, por exemplo), quer ao nível do contexto internacional, comparando com outras realidades do contexto europeu, por exemplo. Abre também pistas de abordagem epistemológica sobre o papel do herói desportivo numa sociedade em transição política ou na construção de uma narrativa patriótica, e o papel desempenhado pelos *media*.

* * *

REFERÊNCIAS

- AFONSO, A.; VLADIMIRO, V. A correspondência oficial da Legação de Portugal em Londres, 1900-14. **Análise Social**, ICS, Lisboa, 18, p. 722-40, 1982.
- CARDOSO, C. P. **100 anos de olimpismo em Portugal**. Lisboa: Comité Olímpico de Portugal, 2009.
- CARDOSO, C. P. Uma tragédia olímpica. **Visão História**, 16, p. 31-4, 2012.
- COELHO, J. N.; PINHEIRO, F. **República, desporto e imprensa** – O desporto na I República em 100 primeiras páginas, 1910-26. Porto: Edições Afrontamento, 2012.
- CONSTANTINO, J. M. **Os cem anos do movimento olímpico**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1994.
- CORREIA, R. **Portugueses na V Olimpíada** – Subsídios para a história do desporto português. Lisboa: Editorial Notícias, 1988.

- DAYAN, D.; KATZ, E. **Media events**: The live broadcasting of history. Harvard University Press, 1994.
- DIAS, M. T. O velocista estrela do futebol. **Visão História**, 16, p. 35, 2012.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FEIO, N. **Desporto e política, ensaios para a sua compreensão**. Lisboa: Compendium, 1979.
- FERNANDES, A. M. **Cem anos de maratona em Portugal**. Lisboa: Xistarca, 2010.
- GOMES, R. M. Ascensão e queda das celebridades desportivas. **Mediapolis**: revista de comunicação, jornalismo e espaço público, 1, p. 54-63, 2015.
- GOMES, C. O nosso homem na Suécia. **Visão História**, 16, p. 36-7, 2012.
- GUTTMANN, A. **Games and empires**: modern sports and cultural imperialism. Nova Iorque: Columbia University Press, 1994.
- GUTTMANN, A. **The Olympics**: a history of the modern games. USA: University of Illinois Press, 2002.
- HOBBSBAWN, E. **Nations and nationalism since 1870**. Cambridge: University Press, 1992.
- BERGVALL, E. (Org.). **The fifth olympiad**: the official report of the Olympic Games of Stockholm 1912. Wahlström; Widstrand, 1913. Disponível em: <http://bit.ly/45qvEi3>.
- LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2007.
- LENSKYI, H. J. Alternative media versus the Olympic industry. In: RANEY, A. A.; BRYANT, J. (Orgs.). **Handbook of sports and media**. USA: Lawrence E. A., 2006, p. 205-15.
- LOPES, L. **Tudo sobre Jogos Olímpicos – Atenas 1896/Pequim 2008**. Lisboa: Quidnovi, 2008.
- MAIA, F. Portugal nos Jogos Olímpicos. In: OLIVEIRA, F. (Org.). **O espírito olímpico no novo milénio**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2000, p. 213-23.
- MESTRE, A. M. **“Ou ganho ou morro!”** – Francisco Lázaro: a lenda olímpica. Porto: Edições Afrontamento, 2012.
- MOURA, J. V. Centenário da participação portuguesa nos Jogos Olímpicos. **Visão História**, 16, 2012, p. 5.
- MÜLLER, M. What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. **Leisure Studies**, 34 (6), 2015, p. 627-42.
- NOLASCO, P. A morte de Francisco Lázaro. **Desporto e Sociedade**, 5. Lisboa: Direção Geral dos Desportos, 1985.
- NUNES, R.; PINHEIRO, F. **Os 6 de Estocolmo** – A primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos, Estocolmo-1912. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

- PEIXINHO, A. T.; SANTOS, C. Construção de um herói em tempo de COVID-19. **Comunicação Pública**, 18 (35), 2023.
- PEIXOTO, J. L. 1912: A meta da maratona infinita. **Visão História**, 16, 2012, p. 24-9.
- PINHEIRO, F. **A Europa e Portugal na imprensa desportiva (1873-1945)**. Coimbra: MinervaCoimbra, 2006.
- PINHEIRO, F. **História da imprensa desportiva em Portugal**. Porto: Edições Afrontamento, 2011.
- PINTO, R. **Portugal nos Jogos Olímpicos do século XX**. Lisboa: COP, 2004.
- PIRES, G. **Francisco Lázaro: o homem da maratona**. Lisboa: Prime Books, 2012.
- PONTES, J. **Corrida de maratona** – Estudo fisioterapia. Lisboa: Oficina Ilustração Portuguesa, 1912.
- REIS, C. **Dicionário de estudos narrativos**. Almedina, 2018.
- SÉRGIO, M. **Heróis olímpicos do nosso tempo**. Lisboa: Compendium, 1980.
- SERPA, H. **História do desporto em Portugal – Do século XIX à Primeira Guerra Mundial**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- SILVA, E. F. Um século de olimpismo. **A Bola**, 7 julho 2012.
- SIMÕES, A. Lázaro ou o fim dos mitos. **A Bola**, 40, 2 junho 2012.
- STERNHELL, Z.; SZNAJDER, M.; ASHÉRI, M. **Nascimento da ideologia fascista**. Venda Nova: Bertrand, 1995.
- TELO, A. J. **Decadência e queda da I República portuguesa**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.
- TORRE GOMEZ, H.; SANCHEZ CERVELLO, J. **Portugal en el siglo XX**. Madrid: Istmo, 1992.
- VALENTE, V. P. **A “República Velha” (1910-1917)**. Lisboa: Gradiva, 1997.
- WENNER, L. A. Sports and media through the super glass mirror. In: RANEY, A. A.; BRYANT, J. (Orgs.). **Handbook of sports and media**. USA: Lawrence E. A., 2006, p. 45-60.

Periódicos

Tiro e Sport

O Século

Os Sports Illustrados

* * *

Recebido em: 29 jul. 2025.
Aprovado em: 28 ago. 2025.